

REVISTA

ANO VIII Nº 81

EXEMPLAR GRATUITO

APLAUSO


Guia de teatro

# A Senhora MacBeth

Releitura de clássico de Shakespeare chega  
ao Teatro Villa-Lobos com Marília Gabriela

Em cartaz  
Jornal do Teatro  
Eliane Giardini  
Guta Stresser  
Júlio Adrião  
Marisa Orth  
Murilo Benício  
Reynaldo Gianecchini  
Walcyr Carrasco





Imagine  
um **espaço**  
**cênico**, com  
todo o acervo  
do Teatro  
de Arena,  
onde você  
poderá assistir  
**o melhor**  
da produção  
artística das  
**comunidades**  
**cariocas...**

**...aguarde!**

# Buraco da fechadura

“ Para os homens a maior surpresa é descobrir como as mulheres falam deles na intimidade. Todo rapaz cresce admirando a mãe como exemplo feminino. E cresci ouvindo falar que mãe não tem sexo. Nem pensa nessas coisas. Só quando fui me tornando juvenzinho constatei que a mulher vai à luta. E que isso é muito bom.

Fui repórter de revistas e jornais importantes, em meus tempos de jornalista. Durante meses usei toda minha experiência para bater papo, ouvir histórias, entender a forma de ver o mundo de muitas mulheres. Executivas, dondocas, garotas de programa, intelectuais. Os tipos humanos mais variados. Mulheres costumam bater papo em toaletes, emprestar maquiagem, falar de roupa, da vida e, é claro, de homens e sexo. No caso da peça *Toalete*, que acaba de estreiar no Teatro dos Grandes Atores, no toailete de um hotel 5 Estrelas. Um espaço onde as personagens revelam intimidades, se conhecem, vivem situações hilariantes, mas todas elas, por mais incrível que pareça, verdadeiras.

Minha maior satisfação foi ouvir a primeira leitura, com as atrizes e a diretora Cininha de Paula. Descobri que não dissera nenhum absurdo. Pelo contrário, uma atriz me encarou, surpresa: – “Como você sabe tantos detalhes sobre nós, mulheres?” – perguntou. Mais tarde, no processo de ensaios, todas acrescentaram muito.

O resultado é um divertido painel da vida feminina hoje em dia, em um toailete onde personagens variadas revelam suas intimidades narradas através de pequenas histórias, *short cuts*. Cada vez que assisto à peça, eu me sinto exatamente como pretendia: de olho no buraco da fechadura! ”

**Walcyr Carrasco, janeiro de 2007**



## Clássicos nacionais

Com uma montagem antológica nos anos 70, a peça *O Arquiteto e o Imperador da Assíria*, do espanhol Fernando Arrabal, ganha uma nova versão no Centro Cultural Justiça Federal, com direção de Nelson Xavier, que está comemorando 40 anos de carreira. Um outro marco da mesma década, a peça *Apareceu a Margarida*, de Roberto Athayde, também volta aos palcos, com a atriz Marília Medina no papel que coube a Marília Pêra na encenação original. Bruno Garcia assina a direção. No Teatro Cândido Mendes.

## Comediantes em cena

Numa mistura de teatro do absurdo, besteirol, musical e *stand up* comedy, Alexandra Richter e Luis Salem contracenam no teatro, pela primeira vez, na peça *Salada*, que abre os trabalhos de 2007 no Espaço Rogério Cardoso, da Laura Alvim. Contemporâneos da dupla no universo da comédia, Maria Clara Gueiros e Aloísio de Abreu também estão com novidades: a estréia da comédia romântica *Corações Encaixotados*, escrita por Bosco Brasil.

## Pérolas mundiais

Reeditando, pela terceira vez, a parceria nos palcos, Herson Capri e Edwin Luisi se unem para encenar a comédia *Um marido ideal*, de Oscar Wilde, no Teatro Leblon. A falsidade nas relações também é o mote da peça *Um inimigo do povo*, do norueguês Henrik Ibsen, um dos maiores nomes da dramaturgia mundial. Sob a batuta de Marcus Vinícius Faustini, a CTI Cia. de Teatro toma conta do Espaço Cultural Sérgio Porto até o dia 6 de fevereiro.

## Novos vôos

Conhecida por sua dobradinha, nos palcos e na televisão com Miguel Fabelella, Maria Carmem Barbosa alça seu primeiro vôo solo no teatro com *A mulher invisível*, na qual também debuta como produtora. A atriz Zezeh Barbosa dá voz a uma mulher humilde e invisível aos olhos alheios. Quem também ensaia novos passos numa seara desconhecida é Maria Zilda, que mostra ao mundo sua faceta de autora, com o monólogo *Isso era tudo o que eu queria*, interpretado por ela sob a direção de Ítalo Rossi. No Teatro Leblon/Sala Fernanda Montenegro.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro. RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbf.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte); Simone Melamed (textos). Coordenadora de produção: Dani Albuquerque. Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Impressão: Sol Gráfica. Capa: Miro / divulgação

Júlio Adrião

## Referências e curvas

1980. Meu pai tinha razão: para ser veterinário não bastava gostar de bicho. Larguei a UFF. Mas foi lá que vi uns caras usando o teatro para falar o que pensavam. Acabei na primeira fila do João Caetano. No palco, Cacá Carvalho era *Macunaíma*. Nunca mais fui o mesmo.

1985. A CAL e a Helena Varvaki, que me apresentou o treinamento do ator, o teatro do Barba.

1987. Fara Sabina, na Itália, com o Teatro Potlach. Seriam 8 meses. Depois de seis anos de grupo e rua, a questão era: ficar estrangeiro ou repatriar? Repatriei.

1994. Rio. Circo Voador. Dirigi o Teatro de Anônimo e a Ópera *O Elixir do Amor*, na UFRJ. Criamos a Cia do Público, que seguiu até 2002, quando fizemos o *Ruzante*. Nasceram aí os leões de circo, pequenos empreendimentos: eu, Sidnei Cruz e Alessandra Vannucci.

2004. *A descoberta das Américas*. O texto do Dario Fo tem essa generosidade. Não é para ser decorado. É para ser aprendido, devorado e regurgitado, junto com a história do ator. Sua língua, sua cultura e seus jeitos de contar. Meio caminho para



GAL OPPIDO / DIVULGAÇÃO

Um convite irrecusável para Júlio: inaugurar a sala Tônia Carrero

dar certo. O resto é com quem ousa. Ousei porque, apesar de solo, sempre estive bem acompanhado. Com a estréia na Casa Mercado 45, em 2005, foram 6 semanas de público incerto: 15, 23, 12, 7, 1 espectador. Fizemos todos. Na sexta semana, as críticas. 80 pessoas na porta. Não paramos mais. Temporada prorrogada 2 vezes, SESC Pinheiros (São Paulo), o Projeto Teatro nas Universidades e 14 Festivais em 2006. Em meio a tudo isso, a indicação e o prêmio Shell de melhor ator.

2007. Abro mão do Circuito Sesi SP em função de um convite irrecusável. Inaugurar a sala Tônia Carrero. Um dilema que é um privilégio. Próximo passo? Adiante. Projeto? Muitos. Por hora, continuar Descobrimdo o Brasil. Parece que o espetáculo é bom. Eu não sei. Não vi.

# Namoradina do Brasil



Susana Vieira vive a mãe que sonha com a fama... da filha

Por Simone Melamed

A matemática das relações familiares é repleta de equações complexas, que há anos a humanidade tenta desvendar, contando inclusive com o auxílio luxuoso dos dramaturgos. Situada no centro desta rede de conexões tão íntimas,

a ligação entre mãe e filha é o mote da peça *Namoradina do Brasil*, que marca a volta de Susana Vieira aos palcos cariocas. E, para dar uma vestimenta mais contemporânea a este intrincado binômio doméstico, o pomo da discórdia são os fatídicos minutos de

fama proclamados por Andy Warhol, para os quais a mãe se dedica com devoção, sonhando, à revelia da filha, em transformá-la numa celebridade.

“O texto permite uma reflexão sobre um momento atual vivido pela humanidade que é a busca desenfreada e sem ética para ser uma celebridade. A Ragilda é uma mulher de classe média dominada pela falsa impressão, que a mídia constrói, de que uma celebridade encontra mais rápido a tão sonhada felicidade baseada na superficialidade da fama instantânea e não na construção de uma vida rica de talento e conteúdo”, analisa Susana, que divide a cena no Teatro das Artes com a atriz Bárbara Borges.

## 15 minutos de fama

A peça foi escrita por Fernando Ceylão há dez anos, que também responde pela direção da montagem, inspirado na relação entre uma antiga namorada e a mãe dela, que era obcecada pela idéia de ter uma filha famosa. Na época, ele até sonhou com a possibilidade de Susana interpretar o papel da mãe, mas não imaginava que isto pudesse, de fato, se concretizar um dia. A virada do destino aconteceu quando a atriz avisou a seu produtor, Sandro Chaim, que queria fazer uma comédia e foi informada da existência da peça. “Gostei do texto e do tema que trabalha a esdrúxula realidade do ser humano atual, preocupado em buscar a fama como fórmula mágica de encontro com a felicidade”, diz a atriz.



A trama gira em torno das frustradas tentativas de Ragilda para que a filha se torne uma estrela, em investidas que vão ficando cada vez mais enlouquecidas e assustadoras. Enquanto a mãe abandona tudo para se dedicar a seu projeto insano, Viviane, a filha, tenta ser uma garota normal, que quer apenas brilhar no convívio com os amigos e o namorado, como outra jovem qualquer. “Estamos vivendo um momento muito crítico e pobre da humanidade, no qual a aparência suplanta o conteúdo e o talento, a falta de respeito impera e a essência das coisas não mais importa. A melhor sugestão que eu daria para as “Ragildas” da vida é que deixem de projetar suas frustrações nos filhos e permitam que eles tenham liberdade de ser quem são e sonhar seus próprios sonhos”, conclui.

## Quem é ela?

Desde que estreou a novela *Minha doce namorada*, na década de 70, Regina Duarte ganhou o apelido carinhoso de “Namoradina do Brasil”, pela doçura do personagem. Muitas mocinhas depois, e outros tantos papéis, a atriz continua ostentando o título e mantendo o seu posto de um dos grandes ícones da televisão brasileira. Não é à toa que Ragilda sonha que a filha vire uma atriz famosa, como Regina Duarte. Ou a própria Susana Vieira.

# Fica comigo esta noite

## Comédia romântica marca encontro profissional inédito entre Murilo Benício e Marisa Orth

**C**erta vez, conversando com o diretor Walter Lima Jr., Murilo Benício ouviu uma frase que ecoa até hoje em seus ouvidos. O cineasta dizia que um bom filme começa quando você sai da sala de projeção e passa a pensar e discutir sobre o que assistiu. Segundo o ator, a premissa também vale para o teatro – e ele não tem dúvidas de que, neste momento, tem um belo exemplo nas mãos: a peça *Fica comigo esta noite*, de Flávio de Souza, que acaba de chegar ao Teatro das Artes, depois de uma bem-sucedida turnê pelo país.

“O texto é muito bom e, por isto, a peça já é um sucesso antes da gente. É rica na simplicidade e é inteligente sem pretensões. Estou muito satisfeito por ter encontrado um texto que faz o público se divertir bastante e também se emocionar, porque não é vazio.

A peça trata de coisas muito próximas de todos nós. Acho que este é o verdadeiro teatro de antigamente, aquele que passava na praça e era de fácil entendimento para qualquer pessoa”, comenta Benício, reeditando, mais uma vez, a parceria com Lima Jr. no teatro.

### Roupa suja

Esta é a terceira montagem da peça, que estreou em 1988 com Carlos Moreno e Marisa Orth, ainda uma desconhecida na época. Ela volta nesta encenação interpretando a mesma personagem. “Dialogamos com o invisível e o público consegue ‘ver’ outros personagens. É um trabalho que exige muita concentração e explora bem as possibilidades que o teatro nos dá. É engraçado porque eu e o Murilo nunca nos encontramos em

nenhuma novela, filme ou peça. Ele é um grande ator, tem aquele cinismo indispensável para a comédia”, diz Marisa.

Neste primeiro encontro, a dupla dá vida a um casal de classe média em que o homem morre, repentinamente, num momento em que a esposa não está em casa. Juntando sentimentos como perda e culpa, ela resolve velar o marido no próprio quarto, com sérias intenções de fazer um acerto de contas final. É aí que, sem nenhum aviso prévio, o defunto se levanta da cama e começa a lavar a roupa suja com a mulher, numa conversa sobre desavenças, rancores e traições, na qual os desentendimentos vão sendo clareados e os votos de amor acabam sendo renovados.

### Dois mundos

“A peça apresenta uma situação que não cabe na realidade. Ela é um sonho, uma fantasia que está dentro da cabeça de cada espectador. Através das falas percebemos, em vários momentos, essa brincadeira entre o imaginário e o onírico”, observa Lima Jr., mais conhecido pela sua faceta de cineasta, mas que já se sente mais do que em casa neste mundo dos palcos. “Minha primeira incursão no teatro foi com o Murilo, que também dirigi num longa-metragem. Nos conhecemos há 15 anos e somos muito amigos, inclusive sou padrinho do filho dele. E a Marisa é sensacional, uma atriz que vai da tragédia à comédia sempre com muita verdade”, afirma o diretor.





# Sua excelência, o candidato

**Gianecchini  
estréia  
comédia que  
desvenda os  
bastidores  
– e os podres  
– da política**

Por Simone Melamed



“Eu me divirto muito, parece que estou indo brincar”. É assim, feliz da vida, que Reynaldo Gianecchini tem encarado a sua nova rotina profissional, que chegou com a remontagem da peça *Sua excelência, o candidato*, escrita por Marcos

Caruso e Jandira Martini na década de 80, e que acaba de estreiar na Sala Marília Pêra, do Teatro Leblon. Depois de algumas investidas em espetáculos considerados mais intelectualizados e de difícil digestão, o ator resolveu dar uma guinada na carreira,

apostando não só na comédia como também numa proposta bem mais popular.

“Minhas experiências anteriores em teatro tinham sido muito densas. Eram textos que adorei fazer e que me alimentavam, mas não eram de fácil comunicação. Muitas vezes, percebia que a platéia aplaudia, mas que não tinha entendido nada. Este texto, agora, foi uma escolha na hora certa. É entretenimento, com uma carpintaria perfeita, brilhante. Já tinha começado neste caminho da comédia com a novela *Belíssima*. E no teatro o resultado é na hora: as pessoas riem ou não. Você sabe o que funciona, é uma escola. As pessoas têm muito preconceito com comédia, mas por meio dela você pode fazer críticas ferrenhas e falar brincando sobre coisas seriíssimas”, pondera o ator, que contracena com mais seis pessoas, sob a direção de Alexandre Reinecke.

## Fauna completa

E os temas abordados, com muito humor, no espetáculo são realmente bem sérios, na medida em que infelizmente retratam uma realidade bem próxima a nós: corrupção, escândalos políticos e muitas falcaturas. Na peça, Orlando é um candidato a um cargo público, para o qual não tem a menor vocação, mas que faz seus olhos crescerem pelas benesses que a carreira política pode lhe oferecer. Como num bom *vaudeville*, em volta deste tema central acontecem mil confusões, que refletem um cotidiano de relações também corrompidas, com direito a uma fauna de personagens que vão da mãe solteira reivindicando os direitos do filho ao porta-voz bajulador, passando pelo

mordomo travesti e um líder sindical dos hortifrutigranjeiros.

“O Orlando é um personagem muito comum no Brasil e é um reflexo da mentalidade corrupta do brasileiro de burlar leis, de dar jeitinho, de querer se beneficiar em detrimento do bem geral. Ele está bem representado na figura do político, mas poderia ser qualquer um. A peça reflete o que acontece no Brasil e a graça está aí: rir da própria desgraça. Ela é um entretenimento, ninguém pretende discutir nada nem levantar bandeira política. É para ir e rir”, diz Gianecchini.

## Primeira montagem

Escrita em 1984, a peça foi uma das primeiras a falar abertamente sobre temas políticos, apostando no viés do humor, num período em que o regime militar ainda estava em pleno vigor no Brasil. Dois anos depois, ganhou o Prêmio Molière de melhor texto. Agora, passadas mais de duas décadas, continua inacreditavelmente atual. “Quando escrevo coloco sempre o cidadão à frente do autor. Isso dá contundência e universalidade. Até hoje, infelizmente, não mexemos em uma vírgula do texto”, explica Marcos Caruso, um dos autores. “O Giane tem uma inteligência cênica enorme. É um trabalho de muita coragem e difícil de ser feito. Apesar de ser o protagonista, a graça maior não está nele. O Orlando serve como uma espécie de escada para os outros personagens”, elogia Caruso, que foi dono do mesmo papel na encenação original da peça.



Conto de  
Adriana  
Falcão ganha  
adaptação  
teatral repleta  
de lirismo.  
No palco,  
Eliane Giardini

Por Simone Melamed



# O mundo dos esquecidos

Alegria é um bloco de carnaval que não liga se não é fevereiro. Pelo menos é assim que Adriana Falcão, poeticamente, define o verbete em seu livro *Mania de Explicação*. E é assim também que Eliane Giardini está se sentindo – bem antes da folia de Momo começar – com a estréia, no Teatro Laura Alvim, do espetáculo *O mundo dos esquecidos*, baseado num conto que Adriana escreveu com a filha Tatiana Maciel. Se no livro a autora se aventura, delicadamente, na significação de palavras quase inexplicáveis, no conto, que virou peça, quem ganha um

novo significado e muita vida são as recordações de uma mulher, aparentemente adormecidas em sua memória.

“Meu namoro com a Adriana é antigo, tenho muita afinidade com a obra e o universo dela, que tem uma coisa lúdica e romântica de viajar no tempo. Gosto disto. E estamos vivendo uma época em que a ciência está avalizando o que a poesia já fazia. O boom da física quântica está dando aval e reconhecimento para um território em que a arte já navegava há muito tempo. A peça é uma investigação poética pelo universo da memória e do esque-

cimento. Para onde vão as coisas esquecidas, os projetos que não tocamos? A peça fala, de forma mágica e poética, das responsabilidades de cada escolha, das possibilidades e dos caminhos”, explica Eliane.

## Transcendência

Em cena, o público pode acompanhar a história de Dolores, que se dedica integralmente ao trabalho e aos cuidados com a mãe doente. No campo afetivo, uma vez por ano ela tem um encontro marcado com o homem responsável pela roda gigante, que sempre é montada no dia da padroeira da pequena cidade onde mora. Apesar do cotidiano monótono, paralelamente a ele existe um mundo, a todo vapor, habitado por todos que passaram pela vida de Dolores e que caíram no esquecimento. É o caso de Luísa (Sílvia Buarque) e Antoine (Fernando Alves Pinto), respectivamente uma atriz um dia assistida por Dolores numa peça e um guia de turismo da França, onde ela esteve no passado.

“Este mundo dos esquecimentos é vivo e orgânico, não é um depósito de tralhas. Ele se organiza e é um lugar das possibilidades, na qual escolhas estão sendo feitas. Na peça, esses dois mundos não interagem diretamente, mas têm uma comunicação não usual. A Dolores é uma heroína romântica, que passa por um momento onde encontra lugar e forma possíveis para viver um grande amor. É um instante de transcendência, na qual a pessoa se supera. E eu não saberia fazer uma coisa onde não achasse uma forma de transcendência”, revela Eliane, que, como produtora do espetáculo, convidou Flávio Graff para fazer a sua estréia na direção.

## Mania de Explicação

Conheça outros verbetes do livro...

1. Lembrança é quando, mesmo sem autorização, seu pensamento reapresenta um capítulo.
2. Felicidade é um agora que não tem pressa nenhuma.
3. Indecisão é quando você sabe muito bem o que quer mas acha que deveria querer outra coisa.
4. Desejo é uma boca com sede.
5. Solidão é uma ilha com saudade de barco.
6. Muito é quando os dedos da mão não são suficientes.
7. Raiva é quando o cachorro que mora em você mostra os dentes
8. Ainda é quando a vontade está no meio do caminho

FOTOS: GUGA MELGAR / DIVULGAÇÃO



# A senhora MACBETH

Releitura original de clássico de Shakespeare  
chega ao Rio com Marília Gabriela

Por Simone Melamed

Ela é daquelas pessoas que abocanham o mundo com vontade – e ainda pedem bis. Com uma sólida carreira construída no jornalismo, de uns tempos para cá Marília Gabriela decidiu passar para o outro lado do balcão, testando também suas habilidades como atriz.

Depois de sentir o gostinho do novo ofício – em 2001, com a peça *Esperando Beckett*, dirigida por Gerald Thomas – ela não parou mais e volta, agora, com o espetáculo *A senhora Macbeth*, que acaba de encerrar uma aplaudida temporada em São Paulo. A peça está em cartaz no Teatro Villa-Lobos.

>>

FOTO: MIRO / DIVULGAÇÃO



“Na minha opinião e no meu entendimento, é no palco que se dá a vida real. Ali se discute a vida e se ouve os outros. Ali se pensa e se recompensa por pensar a vida. Isto me dá um imenso prazer e uma extrema felicidade. Adoro mudanças e aventuras de risco. Não gosto de viver mesmerizada”, confessa Gabi, como costuma ser chamada pelos amigos.

### Deslumbrante

Para a atual aventura, ela contou com dois companheiros de peso: os diretores Hugo Rodas e Antônio Abujamra – o último, além de ter traduzido e adaptado o texto da argentina Griselda Gambaro, ainda foi o responsável pela apresentadora ter topado participar da empreitada. “O Abu me procurou no ano passado, só que eu já estava envolvida com a produção de um outro espetáculo e disse que estava sem tempo. Mas ele acabou me mostrando o texto e, duas horas depois, eu já estava enlouquecida, com este texto deslumbrante, que qualquer atriz ficaria louca, tal a inteligência e a sensibilidade dele. Me entreguei de corpo e alma ao projeto”, diz ela.

Inspirada livremente em *Macbeth*, a peça faz uma releitura do clássico de William Shakespeare a partir da visão de Lady Macbeth. Se no original do bardo inglês, na condição de papel secundário, ela era a grande impulsionadora da ação trágica do texto – movida pela ambição pelo poder e o desejo de vingança – agora, no posto de

protagonista, a personagem ganha contornos mais compassivos, vivendo um conflito entre a paixão pelo marido e a culpa pelos crimes que o induz a cometer.

“A Lady Macbeth é uma pessoa muito determinada mas também frágil, quando o que está envolvido é sentimento, amor, paixão. O que a Griselda fez é precioso, porque pensa com a cabeça de uma mulher este personagem tão fantástico e humaniza-o. É muito fácil se reconhecer em Lady Macbeth”, conta Gabi, acreditando que o próprio dramaturgo veria com bons olhos esta nova versão de uma de suas obras mais famosas. “Acho que ele gostaria, porque perceberia que ali está a alma do personagem que ele criou, através da cabeça e da emoção de uma mulher.”



## Marília: a Atriz e a Cantora

Ela já conta com um respeitável currículo no teatro, no cinema e na música. Confira.

### Teatro

- *Esperando Beckett*, dirigida por Gerald Thomas, 2001
- *A peça sobre o bebê*, com direção de Aderbal Freire-Filho, 2003

### Cinema

- *Ed Mort*, de Alain Fresnot, 97
- *Gregório de Mattos*, de Ana Carolina, 2002
- *Avassaladoras*, de Mara Mourão, 2002
- *O diabo a quatro*, de Alice de Andrade, 2004

### Televisão

- Novela *Senhora do destino*, de Aguinaldo Silva, 2004
- Minissérie *JK*, de Maria Adelaide Amaral e Alcides Nogueira, 2006

### Música

- Gravação de dois discos como cantora, na década de 80
- Gravação do CD *Perdida de Amor*, uma homenagem a Dick Farney, em 2003

## A ALMA IMORAL

Adaptação do livro homônimo do rabino Nilton Bonder, que traz reflexões sobre o certo e o errado, a tradição e a traição. Texto: Nilton Bonder. Adaptação e interpretação: Clarice Niskier. Supervisão: Amir Haddad. **Teatro Leblon/Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Terça e quarta, 21h. R\$ 30.

## A DESCOBERTA DAS AMÉRICAS

Performance, humor e canibalismo se encontram neste espetáculo, que faz uma crítica mordaz ao processo de colonização das Américas. Texto: Dario Fo. Direção: Alessandra Vannucci. Com Júlio Adrião. **Teatro Leblon/Sala Tônia Carrero** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h30. Quinta, R\$ 35. Sexta e domingo, R\$ 40. Sábado, R\$ 50.

## A GENTE SE AMA

A vida a dois é dissecada em vários esquetes cômicos, que vão da dúvida no altar às brigas rotineiras, passando pela relação com os sogros e a infidelidade. Texto: Pierre Palmade e Muriel Robin. Direção: Flávio Marinho. Com Alice Borges e Marcelo Saback. **Teatro Leblon/Sala Tônia Carrero** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Sexta e sábado, 23h. Domingo, 22h. Sexta e domingo, R\$ 35. Sábado, R\$ 40.

## A SENHORA MACBETH

Numa versão livre, a peça recria o clássico *MacBeth*, de Shakespeare, pela ótica de Lady Macbeth, que vive um conflito entre o amor e a ambição pelo poder. Texto: Griselda Gambaro. Direção geral, tradução e adaptação: Antonio Abujamra. Com Marília Gabriela, Paula Sandroni, Rafaela Amado. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 40.

## ARACY CORTES, A RAINHA DA PRAÇA TIRADENTES

Musical faz homenagem à ousada e irreverente Aracy Cortes, artista que marcou os anos de ouro do Teatro de Revista Brasileiro. Texto: Alexandre Guimarães. Direção: Rogério Fabiano e Cláudio Lins. Com Marília Barbosa, Beth Lamas e José Mauro Brant. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º piso, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta, 17h. Sexta e sábado, 19h. Domingo, 21h30. Quinta e sexta, R\$ 40. Sábado, R\$ 50.

## BESOURO CORDÃO-DE-OURO

Estréia do poeta da MPB no universo teatral, fazendo uma homenagem musical ao maior capoeirista de todos os tempos da Bahia. Texto, músicas e letras: Paulo César Pinheiro. Direção: João das Neves. Com Anna Paula Black, Maurício Tizumba, Sérgio

Pererê. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro III** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R\$ 10. Até 28 de janeiro.

## CARLOS MACHADO - O REI DA NOITE

Com vinte atores em cena, o musical faz uma homenagem à vida e à obra de Carlos Machado, precursor do teatro musical feito no Brasil. Texto e direção: Paulo Afonso de Lima. Com Elisabeth Gasper, Ângelo de Mattos. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta e sexta, 20h. Sábado e domingo, 19h. R\$ 25.

## CAUBY! CAUBY!

O musical faz homenagem a um dos ícones da música brasileira, recriando a vida e a obra do artista. Texto: Flávio Marinho. Direção: Diogo Vilela e Flávio Marinho. Com Diogo Vilela, Carlos Gregório, Sylvia Massari. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/no., Centro). Fone: 2221-1223. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. Quinta e sexta, R\$ 40. Sábado e domingo, R\$ 50.

## CHACRINHA

Musical relembra a trajetória de Abelardo Barbosa, o Velho Guerreiro, um dos maiores ícones da história da televisão brasileira. Texto e direção: Edu Mansur. Com Luciano Pullig, Andréia Rossi, Pablo Áscoli. **Centro Cultural dos Correios** (Rua Visconde de Itabo-

raí, 20, Centro). Fone: 3286-8620. De quinta a domingo, 19h. R\$20,00.

## COMÉDIA EM PÉ

Cláudio Torres Gonzaga, Fernando Caruso, Fábio Porchat e Paulo Carvalho apostam no gênero *stand up comedy* para falar sobre o cotidiano nosso de cada dia. **Teatro dos Grandes Atores / Sala Vermelha** (Avenida das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Sexta e sábado, 23h. R\$ 24.

## CORAÇÕES ENCAIXOTADOS

Questões cruciais da vida pessoal e profissional de Dulce vêm à tona, no confuso dia da sua mudança de casa. Texto: Bosco Brasil. Direção: Ricardo Kosovski. Com Maria Clara Gueiros, Aloísio de Abreu. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274 9895. Quinta a domingo, 20h. Quinta, sexta e domingo, R\$ 40. Sábado, R\$ 50.

## DA CHEGADA DO AMOR

O amor é o tema desta peça, que promove o casamento entre a arte literária e a arte cênica. Direção: Elisa Lucinda. Com Daniel Rolim e Geovana Pires. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha 1, Centro). Fone: 2563 4163. Terça e quarta, 19h. R\$ 20.

## DÁ UM JEITINHO AÍ

A peça acompanha a história de Chico Brás, um cidadão que se recusa a

praticar atos desonestos e embarcar na prática do “jeitinho brasileiro” de resolver as coisas. Texto: Rogério Blat. Direção: Ernesto Piccolo. Com 60 atores da *Oficina de Interpretação da ONG Palco Social*. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro II** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quinta a domingo, 20h. R\$ 10.

## DE PERTO ELA NÃO É NORMAL

Sozinha no palco, atriz vive Maria Lúcia da Silva e as sete mulheres que atravessaram a sua vida. Texto e interpretação: Suzana Pires. Direção: Flávio Rocha. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Segunda, 21h. R\$ 20. A partir de 22 de janeiro.

## FESTIVAL DO TEATRO BRASILEIRO – CENA MINEIRO NO RIO DE JANEIRO

**Concessa – A falecida** (Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Carlos Gradim. Com a *Companhia Odeon* – 18 a 21/01) e **Lusco Fusco ou Tudo Muito Romântico** (Criação coletiva da *Companhia Acômica* – 25 a 28/01). **Teatro Glauce Rocha** (Av. Rio Branco, 179, Centro). Fone: 2220-0259. Quinta a domingo, 19h. R\$ 10.

## FICA COMIGO ESTA NOITE

O espetáculo transita entre o absurdo e o fantástico para contar a história de um casal e o acerto de contas final entre eles. Texto: Flávio de Souza. Direção: Walter Lima Jr. Com Marisa

Orth e Murilo Benício. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º. Andar, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a domingo, 21h30. Quinta, R\$ 40. Sexta e domingo, R\$ 45. Sábado, R\$ 50.

## HEDDA GABLER

Considerada a última grande peça experimental realista do dramaturgo norueguês – e na qual a mulher assume, pela primeira vez, o papel de sujeito. Texto: Henrik Ibsen. Direção: Walter Lima Jr. Com Virgínia Cavendish, Charles Fricks, Ivone Hoffman. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro I** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h30. R\$ 10.

## IMPÉRIO

Comédia musical relembra um período da história brasileira, de uma forma que nunca foi contada nas escolas. Texto e direção: Miguel Falabella. Direção musical: Josimar Carneiro. Com Stella Miranda, Sandro Christopher, Claudia Netto. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/no.). Fone: 2232-8701. Quinta e sexta, 19h. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R\$ 25.

## MADMOISELLE CHANEL

Marília Pêra personifica a estilista que dá nome ao espetáculo, fazendo um balanço da vida daquela que revolucionou a moda do século 20. Texto: Maria Adelaide Amaral. Direção:

Jorge Takla. Com Marília Pêra. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2544.2533. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 18h. R\$ 100.

## MINHA MÃE É UMA PEÇA

Sozinha em cena, a personagem Dona Herminia sintetiza, com muito humor, a alma das mulheres de meia idade, aposentadas e sozinhas, cuja maior preocupação é procurar o que fazer. Texto e interpretação: Paulo Gustavo. Direção: João Fonseca. **Teatro Leblon / Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, R\$ 35. Sexta e domingo, R\$ 40. Sábado, R\$ 50.

## NAMORADINHA DO BRASIL

Uma mãe obcecada em transformar a filha numa celebridade faz as maiores loucuras para tentar atingir o seu objetivo. Texto e direção: Fernando Ceylão. Com Susana Vieira e Bárbara Borges. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º. Andar, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Sexta a domingo, 19h30. Sexta e domingo, R\$ 45. Sábado, R\$ 50.

## NÓS NA FITA

Esquetes bem-humorados em cima de pequenas situações cotidianas. Texto: Marcius Melhem. Direção: Alexandre Régis. Com Marcius Melhem e Leandro Hassum. **Teatro Miguel**

**Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5.332, Cachambi / Norte Shopping). Fone: 2595-8245. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, sexta e domingo, R\$ 30. Sábado, R\$ 35.

## NÃO SOU FELIZ, MAS TENHO MARIDO

As amarguras conjugais de uma mulher contemporânea são narradas com muito humor e vivacidade. Texto: Viviana Gómez Thorpe. Direção: Victor Garcia Peralta. Com Zezé Polessa. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a Sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, R\$ 40. Sexta e domingo, R\$ 45. Sábado, R\$ 50.

## O MUNDO DOS ESQUECIDOS

Todos que cruzaram com Dolores em sua trajetória, mas nunca são lembrados por ela, vão parar num universo paralelo, em que suas histórias se fundem, trazendo vida a este lugar imaginário. Texto: Adriana Falcão e Tatiana Maciel. Direção: Flávio Graff. Com Eliane Giardini, Silvia Buarque, Fernando Alves Pinto. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta e sexta, R\$ 30. Sábado e domingo, R\$ 40.

## OS DOIS CAVALHEIROS DE VERONA

O clássico de Shakespeare é levado para um universo jovem, aproximando-se de uma linguagem popular e



musical, bem brasileira. Texto: William Shakespeare. Direção: Gutti Fraga. Com o grupo *Nós do Morro*. **Teatro Maria Clara Machado** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h.

### OS HOMENS SÃO DE MARTE ... E É PRA LÁ QUE EU VOU

Fernanda, jornalista solteira, relata seus conflitos na busca de um grande amor. Texto e atuação: Mônica Martelli. Direção: Victor Garcia Peralta. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º piso, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quarta, 21h30. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quarta, R\$ 40. Quinta e sexta, R\$ 45. Sábado e domingo, R\$ 50.

### PAREM DE FALAR MAL DA ROTINA

Espectáculo interativo que leva a uma divertida reflexão sobre o cotidiano e a rotina. Roteiro, direção e atuação: Elisa Lucinda. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha 1, Centro). Fone: 2563 4163. Sexta a domingo, 19h. R\$ 20.

### QUARTETT

Adaptação da famosa obra de Choderlos de Laclos, *As ligações perigosas*. Em cena, dois amantes participam de um jogo de poder e sedução. Texto: Heiner Müller. Direção: Victor Garcia Peralta. Com Beth Goulart e Guilherme Leme. Oi Futuro (Rua

Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131-1227. Sexta a domingo, 19h30. R\$ 10.

### RI MELHOR QUEM RIR BEMVINDO

O ator se desdobra em mais de 60 personagens, em situações que refletem, com muito humor, o cotidiano pós-moderno. Texto, direção e interpretação: Bemvindo Sequeira. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Sexta e sábado, 23h. Domingo, 22h. R\$ 30.

### RITA FORMIGA

Sem telefone, atriz vive pendurada no aparelho de seu vizinho, em ligações intermináveis, que dão uma bela bagunçada na rotina do escritor. Texto: Domingos de Oliveira e Maria Gladys. Direção: Domingos Oliveira. Com Guta Stresser e Cláudio Tizo. **Teatro Leblon / Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Sexta e sábado, 22h30. Domingo, 21h30. Sexta a domingo, R\$ 40.

### SUA EXCELÊNCIA, O CANDIDATO

Comédia desvenda os bastidores corruptos da política nacional, expondo uma outra face do poder. Texto: Jan-dira Martini e Marcos Caruso. Direção: Alexandre Reinecke. Com Reynaldo Gianecchihi, Norival Rizzo, Tânia Castello. **Teatro Leblon/Sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon).

Fone: 2274-3536. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Sexta e domingo, R\$ 40. Sábado, R\$ 50.

### SURTO

Esquetes cômicos que retratam a loucura do cotidiano. Texto, concepção e atuação: Flávia Guedes, Rodrigo Fagundes, Thaís Lopes, Wendell Bendelack (*Os Surtados*) e Renato Bavier. Direção: Cláudio Handrey e *Os Surtados*. Teatro dos Grandes Atores (Avenida das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta e sexta, R\$ 35. Sábado e domingo, R\$ 40.

### TEMPO DEPOIS

Dois desconhecidos conversam sobre questões da contemporaneidade, numa sala de espera de um consultório psicanalítico. Texto: Rodrigo Nogueira. Direção: Alessandra Colasanti. Com Fernanda Félix e Rodrigo Nogueira. **Espaço SESC / Sala Multiuso** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 19h. R\$ 6.

### TOILETE

Num banheiro feminino de um hotel de luxo passam diversos personagens, que o público acompanha como se olhasse pelo buraco da fechadura. Texto: Walcyr Carrasco. Direção: Cininha de Paula. Com Márcia Cabrita, Kiko Mascarenhas, Catarina Abdala.

**Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta e sexta, R\$ 35. Sábado e domingo, R\$ 40.

### TUDO NO TIMING

Cinco hilárias peças em uma só, com direito a uma paródia ao teatro moderno e ao clássico primeiro encontro de um casal. Texto: David Ives. Direção: João Fonseca e Terry O'Reilly. Com a *Cia. Fodidos Privilegiados*. **Teatro Leblon / Sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Terça e quarta, 21h. R\$ 30.

### UMA NOITE EM BRANCO

O rapto de uma celebridade pelo seu sócia é o mote desta comédia, no estilo *stand up comedy*. Texto: Maurício Branco e Yoya Wursch. Direção: Maurício Coutinho. Com Maurício Branco. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 23h. R\$ 25.

### VIRGÍNIAS

Durante uma palestra, a escritora Virginia Woolf se fragmenta em diferentes flashes de sua vida e obra. Texto e direção: Andréa Azevedo. Com Anneli Olljum e Andréa Azevedo. **Teatro Villa-Lobos / Sala Arnaldo Niskier** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 20.

A peça termina, as cortinas se fecham, mas o programa continua

Cláudia E.

## Codorna com molho de jabuticaba

Após assistir *Sua Excelência, o candidato*, no Teatro Leblon, que tal se deliciar no restaurante **OLYMPPE**, do chef Claude Troisgros? Pode começar por um foie gras inesquecível, acompanhado com peras em compota – o que faz um casamento e tanto...

Prove, ainda como entrada, o ravióli recheado com batata baroa. Delicioso. Imperdível também é a famosa codorna recheada com molho de jabuticaba e o cherne, que está sempre maravilhoso. A carta de vinhos é excelente, com um bom custo/benefício.

**Olympe:** Rua Custódio Serrão, 62, Jardim Botânico, fone: 2539-4542



## Quiche de abóbora com alho poró

Vá, depois de assistir *Rita Formiga*, no Teatro Leblon, fazer uma refeição despretensiosa mas com muita qualidade no **Ateliê Culinário**, também no Leblon.

Os pastéis de forno artesanais feitos com creme de leite fresco e recheios fartos, assim como as quiches, são maravilhosos. Experimente a quiche de abóbora com alho poró ou a de peito de peru com ervas... Sempre tem suco do dia, sanduíches maravilhosos e saladas fresquinhas e variadas. Vale a pena e você ainda pode seguir sua dieta... isso se conseguir resistir aos doces: o brownie quente com sorvete é de comer rezando. **Ateliê Culinário:** Rua Dias Ferreira, 45, Leblon, fone: 2239-2825

## Expresso com broa de milho

Agora uma dica diferente: um café da manhã de sábado ou domingo, depois de ter ido ao teatro na noite anterior assistir, por exemplo, *O arquiteto e o imperador da Assíria*, com o excelente ator Nelson Xavier. Local: **Café Severino**, na livraria Argumento. Peça o café light, com café, chá ou chocolate, fruta, suco, pão light, queijo minas e cottage, peito de peru, mel e iogurte com granola. Mas antes de ir embora, não se esqueça do expresso com a famosa broinha de milho quente... Não se arrependerá, eu garanto.

**Café Severino:** Rua Dias Ferreira, 417, Leblon, fone: 2259-9398



# NÃO PERCA

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

## Tudo no timing

“Assisti a primeira versão de *Tudo no timing* e gostei muito. Acho que é um dos melhores espetáculos dos *F... Privilegiados*, uma das principais companhias do país. A peça é muito engraçada e, ao mesmo tempo, inteligente. É um trabalho interessante e imperdível, como tudo o que eles fazem.”

Eriberto Leão, ator

## Minha mãe é uma peça

“Eu já fui ver três vezes *Minha mãe é uma peça*: quando gosto, fico repetindo. O texto e o ator, Paulo Gustavo, são ótimos. Ele está perfeito, a peça é redondinha. O Paulo faz exatamente a minha mãe misturada com a minha avó! Eu me identifiquei muito.”

Daniele Suzuki, atriz



## Quartett

“Indico *Quartett* pela atuação fantástica do Guilherme Leme e da Beth Goulart, assim como pela direção do Victor Garcia Peralta, que é muito precisa. É difícil levar ao palco o universo do Heiner Müller - e ele chega de uma forma muito bonita para nós.”

Jandir Ferrari, ator

## Surto

“O *Surto* é uma comédia que não é vendida, sem conteúdo. Indico, também, pela qualidade dos atores, que são maravilhosos. Eles estavam escondidos, mas foram sendo descobertos e conquistando o espaço deles.”

Roberta Rodrigues, atriz







FOTO: DIVULGAÇÃO

## Musical revisita o mundo exótico e anárquico do Velho Guerreiro

Por Simone Melamed

No início de sua carreira como locutor de rádio, no Rio de Janeiro, Abelardo Barbosa levou muita buzina na cara e colecionou inúmeros abacaxis, sempre ouvindo que sua voz era terrível e com um sotaque nordestino absolutamente inadequado para aquela profissão, que nos

idos anos 40 demandava um certo glamour. Mas, como ele mesmo costumava dizer, ele veio para confundir, não para explicar. Tanto é que não só deu a volta por cima, como do topo nunca mais saiu, consagrando-se até hoje como o maior comunicador do Brasil. Depois de quase dez anos desde a sua der-

radeira saída de cena, o Velho Guerreiro volta como personagem e o grande homenageado do musical *Chacrinha*, que acaba de estreiar no Centro Cultural dos Correios.

“O Chacrinha falava que nada se cria, tudo se copia. Mas, na verdade, é ele quem é muito copiado até hoje. Todos os apresentadores que vieram depois copiam aquele estilo irreverente, com as meninas dançando no palco. Isso sem falar na parte musical, porque ele lançou muita gente. Todo mundo que se apresentava no programa dele virava sucesso, inclusive o Roberto Carlos, que primeiro se apresentou como um cantor mascarado e depois acabou sendo coroado como o ‘Rei da Juventude’”, comenta Edu Mansur, autor e diretor da peça, lembrando que costumava passar as tardes de sábado assistindo ao *Cassino do Chacrinha*, na companhia da avó polonesa. “Ela adorava. Nunca tinha visto aquilo na vida, mas achava o máximo. A peça é dedicada a ela”.

E tudo o que a avó do diretor nunca tinha visto na vida, mas achava o máximo, está representado no espetáculo, como as fantasias de Chacrinha e seus bordões impagáveis, passando pelas chacretes, os números musicais, os jurados e os calouros que se apresentam ao vivo, na companhia de uma banda. A reconstrução de momentos domésticos, como a relação com a esposa Florinda, e passagens memoráveis de sua vida profissional também não foram esquecidos, com des-

taque para a perseguição da censura e a luta pela audiência a qualquer custo.

### Antena ligada

“O Chacrinha gostava de ser chamado de louco. Para isso, ele tinha que chocar e agradar ao mesmo tempo. Ou era com o seu jeito original e genial ou exercendo sua loucura, com as atrações que trazia ao programa. Queria ser o mais popular possível e, para isto, vivia antenado. Ele dizia que, num dia normal, ia pra rua e passava pela padaria e pelos prédios para ver o que os porteiros estavam ouvindo. E aí ia incorporando ao programa. Ele foi o precursor do iBope e da interatividade no ar. Sabia quando o ritmo do programa caía e sabia o que fazer para levantar o auditório”, ressaltava Mansur.

Para balançar a pança, buzinar a moça e comandar a massa, à frente de um elenco de dez atores, músicos e dançarinas, o diretor escalou o ator Luciano Pullig, que tem mais de 15 espetáculos no currículo, como *Grande Othelo*, *Aracy de Almeida* e *A vida como ela era*. “Tivemos o cuidado de não cair na pura imitação. O Chacrinha era um vulcão de emoções e isso está presente no espetáculo”, diz Luciano, que interpreta Abelardo Barbosa em várias fases da vida e

ainda faz a narração da peça, interligando as diferentes cenas, como se o próprio Chacrinha emitisse opiniões sobre o que está acontecendo. Será que ele vai para o trono ou não vai?

### Bordões inesquecíveis

- \* *Vai para o trono ou não vai?*
- \* *Eu vim pra confundir, não pra explicar.*
- \* *Quem não se comunica, se trumbica*
- \* *Terezinha, uuuuhhhhhh!!*
- \* *Roda, roda, roda e avisa: um minuto de comercial*
- \* *Vocês querem bacalhau?!!*

# Rita Formiga



## A amizade entre Domingos de Oliveira e a atriz Maria Gladys, nos anos 60, transforma-se em fábula no Teatro do Leblon

**N**a antiga fábula de La Fontaine, enquanto a formiga trabalhava, a cigarra não queria saber de outra coisa a não ser cantar. Já numa outra história, mais contemporânea e à brasileira, o lance mesmo da formiga é ficar horas pendurada ao telefone – do vizinho, diga-se de passa-

gem – enquanto o próprio, na companhia de muitos cigarros, contabiliza frustradas tentativas para se concentrar no trabalho. Mais com cara de fábula do que propriamente de história real, as lembranças da hilária convivência entre a atriz Maria Gladys e o diretor Domingos Oliveira – vivida na década

de 60, numa Ipanema boêmia e efervescente – chega aos palcos do Teatro do Leblon, com o espetáculo *Rita Formiga*, que traz Guta Stresser no papel principal.

“Quando o Domingos me chamou para fazer a leitura do texto, gostei de cara. Foi amor à primeira leitura! Ele e a Maria Gladys escreveram o texto juntos, inspirado na relação de amizade deles, e este foi um dos pontos que eu me identifiquei, porque a amizade é um assunto bom de se falar. Também me identifiquei com a Rita, e muita gente vai se identificar. Apesar da época ser diferente, os anseios, as dúvidas e os questionamentos dela são os mesmos das jovens mulheres de hoje”, diz Guta. “Criei a minha Rita Formiga em homenagem à Maria Gladys, mas não é uma tentativa de ser ela. Usei e abusei da liberdade poética, tirando de dentro de mim a minha própria Rita”, observa a atriz, que divide o palco com Cláudio Tizo, sob a direção do co-autor.

### Elos antigos

“O Domingos pediu para eu não me inspirar nele, mas na composição de um escritor dos anos 60: uma figura que ficava

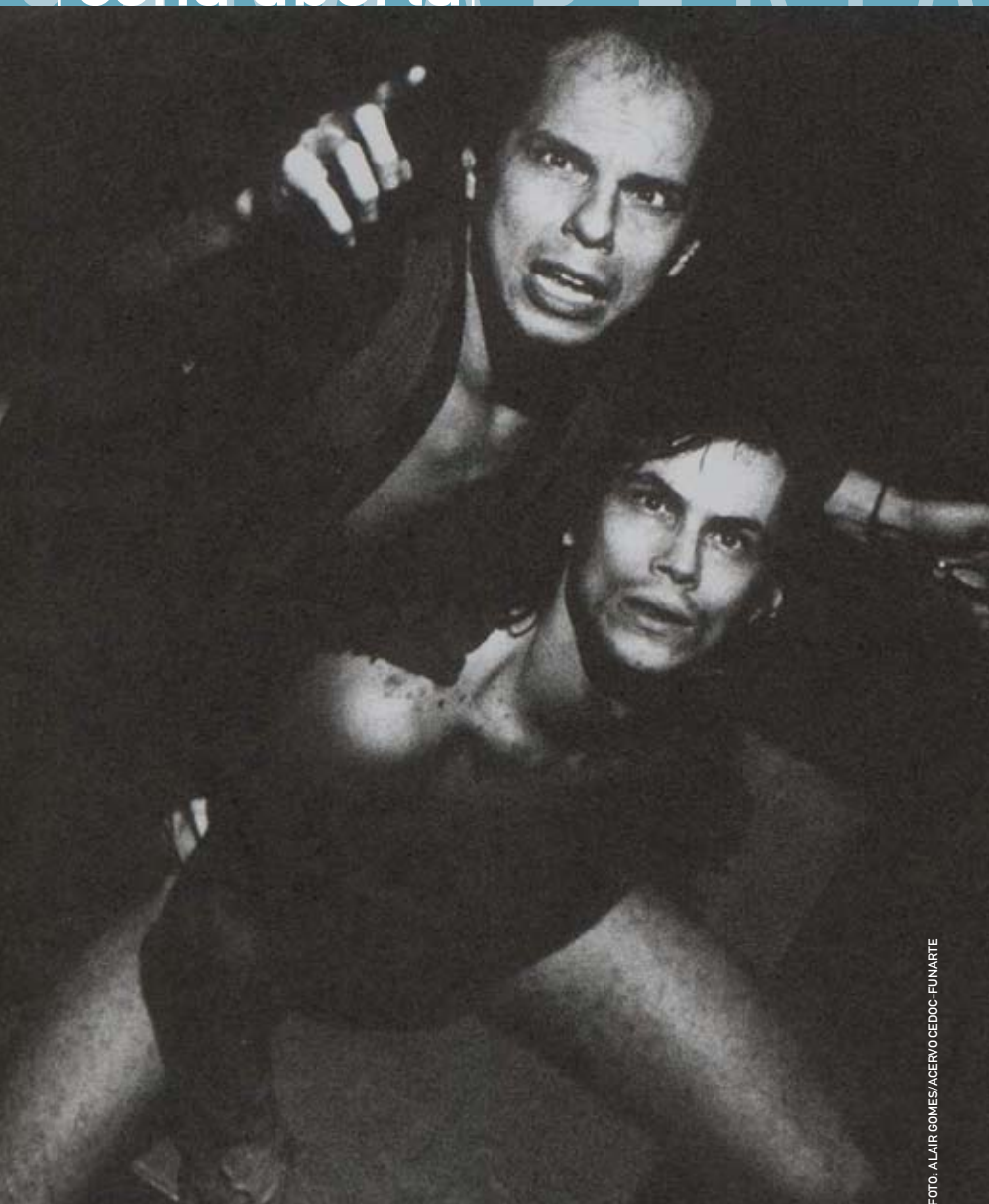


### Maria Gladys

Ao lado da atriz Helena Ignez, Maria Gladys é considerada uma das musas do Cinema Marginal, braço vanguardista do cinema brasileiro que surgiu no final dos anos 60 e tem em Júlio Bressane e Rogério Sganzerla seus grandes representantes. Com mais de 30 filmes no currículo, ela começou a carreira no teatro, com Gianni Ratto e Kleber Santos, e seu primeiro papel mais marcante foi na peça *O Mambembe*, no Teatro dos Sete. Na televisão, sua atuação mais recente foi na novela *A lua me disse*, da Rede Globo, na qual interpretava Naíde, a melhor amiga da personagem de Arlete Salles. “A Guta é a versão moderna da Maria Gladys: sensível, direta e intensa”, decreta Domingos Oliveira, que costuma comparar as duas com a atriz Giulietta Masina, a primeira-dama do cineasta Federico Fellini.

enfada numa máquina de escrever, com óculos fundo de garrafa, fumando muito cigarro e bebericando doses de uísque”, relembra Tizo, que já havia contracenado com Guta quando ambos faziam parte da companhia *Os F... Privilegiados*. Que, coincidentemente, estará em temporada com a peça *Tudo no timing*, na sala ao lado de *Rita Formiga*. “Minha relação com o grupo ainda existe e eu sinto saudades. Além do Cláudio, que é meu parceiro e um ator que adoro, o cenário da peça é do Nello Marrese, que é da companhia, e a luz é da Dani Sanchez, que começou ali. Tudo que tenho hoje veio através de *Os F...*”, avalia Guta.

# CENA ABERTA



José Wilker e Rubens Corrêa em “O arquiteto e o imperador da Assíria”, Teatro Ipanema, 1970



Coleção os últimos 8 anos de teatro



Assine Aplauso!



Assinatura  
semestral

R\$ 30

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2239-1163

ou e-mail: [aplauso@gb.com.br](mailto:aplauso@gb.com.br)

Coleção completa de Aplauso por R\$ 240!

[www.aplauso.art.br](http://www.aplauso.art.br)

*Sem o apoio  
de vocês, não  
voaríamos  
tão longe...*



*O Galpão Aplauso  
agradece!*

